

A relíquia que não é de Eça (e outras histórias)

Ida Ferreira Alves

O Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” do “Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras”, sediado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, no desenvolvimento de seu trabalho de classificação e catalogação de acervo especial¹ do referido Gabinete, tem-se deparado com material muito diversificado que vai de um simples e desconhecido autógrafo, relatórios, recibos, rascunhos de requerimentos e impressos vários a documentos de valor histórico e originais de obras ensaísticas e literárias.

No conjunto desse acervo heterogêneo, domina numericamente o material epistolar de diferentes procedências e com diversos objetivos. Ao lado de inúmeras cartas de particulares, sócios do então “Gabinete Português de Leitura” ou simples admiradores do trabalho realizado pela Instituição, há um acervo apreciável de cartas produzidas por escritores como Camilo Castelo Branco (cerca de 35), António Feliciano de Castilho (enviadas a Camilo são 206), Teófilo Braga, Gonçalves Crespo, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Teixeira de Queiroz, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Augusto Soromenho e um conjunto paralelo de cartas dirigidas a eles por companheiros de ofício, amigos e desconhecidos que, em geral, desejam registrar por escrito admiração e respeito. Nesse acervo, Camilo Castelo Branco é o destinatário de 487; há 22 para Ana Augusto Plácido². Há igualmente grande

¹ Compreende 17 caixas de A a R com material vário misturado, além de cerca de 50 encadernações de textos manuscritos, entre cópias e originais de obras relevantes em diversas áreas de conhecimento. Tal acervo encontrava-se guardado numa estante-vitrine na Sala da Diretoria do RGPL.

² A quantidade indicada de cartas poderá vir a ser alterada até o final do levantamento que está a se proceder.

número de cartas produzidas por figuras da política portuguesa da segunda metade do século XIX.

Ainda estamos na primeira fase do levantamento³, mas já se configura a importância de nosso trabalho para colaborar no acesso a esse diversificado material que, em parte, ainda permanece inédito. Por agora, consideremos somente algumas cartas curiosas, puxando um fio nesta meada ainda a desfazer plenamente. Começamos com a história de uma relíquia que, conforme indica o título deste texto, não é de Eça. Referimo-nos a algo que está em exibição numa vitrine da Sala da Diretoria do Real Gabinete Português de Leitura, objeto cuja presença improvável numa biblioteca bem provoca a curiosidade do visitante. Trata-se de um dente, sim, de um incisivo, que chegou ao Real Gabinete por meio de uma saborosa carta e uma história de parentesco e visita à Quinta de Seide, após o falecimento do escritor. Datada de 28 de março de 1908 e assinada por um desconhecido chamado Arthur Guimarães, assim se inicia⁴:

Na dupla qualidade de amigo e testemunha presencial recebi do Sr. Antonio Martins dos Santos, morador atualmente no Estado do Rio de Janeiro, Estação da Estiva, Linha Auxiliar da E.F. Central do Brasil, a honrosa incumbência de oferecer ao Gabinete Português de Leitura três autógrafos de Camilo Castelo Branco e um dente que o ilustre romancista mandara extrair em momento de aflição oferecendo-o em seguida a D. Ana Rosa Corrêa, mãe de seus netos, com a declaração de que lho dava na falta de melhor presente e com a condição de o conservar.

Para além da forte preocupação de garantir a fidelidade de informações e, por conseqüência, da origem do dente, o missivista revela em relação à figura do escritor tamanho respeito e admiração que o dente, de curiosa lembrança pessoal, passa à verdadeira relíquia e como tal percorre seu périplo e é cuidadosamente guardada por quem a tem nas mãos. O missivista a recebeu do Sr. Antonio Martins dos Santos⁵, o qual, por sua vez, a recebera da Sra. D. Ana Rosa Corrêa, que a recebera do próprio escritor:

³ Esta primeira fase compreende separação de materiais, catalogação e digitação de dados.

⁴ Atualizamos a ortografia de todas os fragmentos de cartas aqui transcritos.

⁵ Foi encontrada também a carta de Antonio Martins dos Santos, enviada ao “Meu bom Artur”, datada de 15 de março de 1908, explicando em detalhes como o dente camiliano chegou às suas mãos. Realmente esse Antonio Martins, “apoiando-se nas reminiscências de velho cunhado” (sua irmã Joaquina tivera uma filha, Rosa, com Camilo Castelo Branco) é recebido em Seide (já o escritor

Camilo foi humano dando a D. Ana Rosa Corrêa uma sua lembrança que muito o fizera sofrer, na sua própria expressão. Ana Rosa Corrêa também, despojando-se desse objeto em favor de um cunhado do ilustre romancista, visitante inesperado da aldeia onde este vivera e sofrera; Antonio Martins dos Santos, igualmente, alegando velhice, doenças e impossibilidade de a transmitir a descendentes, e querendo por isso transmiti-la a quem pode mantê-la.

Autógrafos, outros existem de Camilo; “incisivo” só um. Aos que acharem prosaica e desinteressante a relíquia dentária, não há como lembrar-lhes que Camilo erigiu esse seu incisivo em objeto ofertável, espontaneamente, e que tudo dele provém, material e intelectualmente, é digno de apreço, e conservação.

Mais curiosa ainda é a aura que se constrói em torno do dente, aura que tem como seu primeiro mentor o próprio escritor que “erigiu esse seu incisivo em objeto ofertável”, deixando, talvez ironicamente, uma parte de si bastante representativa de sua mordacidade crítica. Impossível não lembrar que em *Coração, Cabeça, Estômago*, o editor dos manuscritos de Silvestre da Silva critica a poesia satírica do amigo por ser ferida “do mesmo dente da musa mordente”. Ao dar o seu dente, Camilo não estaria também deixando para lembrança de si um “objeto” representativo de sua escrita e de seu posicionamento crítico frente ao seu tempo?

Se essa carta atesta a admiração pelo escritor e o desejo de cultuar sua memória para além de Portugal, outra há ainda mais reveladora do grau de recepção que Camilo Castelo Branco obteve de seus contemporâneos, tornando-se figura das mais admiradas, modelo de escritor profissional e ho-

avia falecido) por D. Ana Rosa, “mãe dos netos do Camilo” e dela recebe como lembrança o incisivo e a história da extração: “[...] tenho uma cousa guardada que é minha, me foi dada por ele e ao Senhor posso e vou dar. O Sr. Camilo andava sofrendo muito dos dentes e não queria ir ao Porto; escrevo para lá para lhe mandarem um Dentista e veio logo. Na ocasião da extração chamou-me para ficar junto dele; estava medroso, não queria deixar abrir a boca mas afinal fez-se a extração, pegou no dente, olhou-o muito, que o tinha feito sofrer tanto, e por fim: ‘Olha Aninha eu não tenho nada para te dar e bem o sinto mas dou-te este dente, guarda-o’; e realmente tenho-o guardado e vou dar-lhe”. Completa o missivista: “Deu-me e mais um cartão e dois pequenos manuscritos. Meu Artur, estou velho, adoentado, viúvo e sem filhos; fecho olhos de um momento para outro e estas pequenas mas preciosas lembranças aqui ficam sem haver quem lhes dê importância. Lembrou-me pois por teu intermédio oferecer isto ao Gabinete Português de Leitura que talvez lhe dê o valor de uma relíquia, principalmente se for acompanhada de alguma cousa do teu punho, notando que não faço questão que a oferta seja feita no teu ou no meu nome.”

mem ousado a enfrentar obstáculos sociais e dificuldades várias. Trata-se, agora, de uma carta, datada de 1880, de Lisboa, assinada por Domingos Manuel Fernandes, escritor novato com o pseudônimo Roberto Valença. Essa carta é um sugestivo documento sobre o papel crítico exercido por Camilo e um testemunho das dificuldades que os iniciantes enfrentavam na segunda metade do século XIX. Acompanhemos o missivista:

Começo esta carta n'um tremor convulso, por me lembrar que tem de dar entrada no gabinete de trabalho de Camilo Castelo Branco. Perdoe-me o ilustre escritor a ousadia de interromper o silêncio que rodeia seu eremitério. É um operário que lhe escreve.

Quando saí aos 9 anos de uma aldeia do Minho junto a Vila Verde apenas lia, soletrando demoradamente. Em Lisboa encetaram-me n'uma loja de pouco movimento como mercial, e aí comecei a literaturar. Escrevi primeiro um romancelho, e depois bosquejei a Biografia de um dos contemporâneos que mais admiro, Almeida Garrett; - 292 páginas, cheias de boa vontade, mas vazias de gramática, porque se hoje raras vezes me encontro com ela, naquele tempo era-me inteiramente desconhecida. Contudo o público aceitou (talvez condoído de mim) aqueles ensaios. Quando apareceram esses poetas novos a cantar a liberdade em estrofes cheias de inspiração e de vida, principiei também a versejar à toda. Mas que verbos! Que metrificacão! Que sonoridade que eles encerravam! Faziam arrepiar a carne a um agiota. – o tipo mais prosaico que o sol acalenta: se é que o olho de Deus não se enoja de pousar n'um bicho tão repelente. Mais tarde corriji-me em parte desse efeito, e de vários retalhos fiz o poema que lhe envio, para o qual imploro uma vista d'olhos. Se V.Exa. puder furtar um momento aos trabalhos que tem naturalmente diante de si, prestará um valioso auxílio a um rapaz que por sua baixa posição não ousa avizinhar-se pessoalmente dos jornalistas de profissão que tanto podem matar com elogios imerecidos, como vitalizar com palavras sinceras e repreensões amigas. [...] Por tudo isto me dirijo a V.Exa – o crítico do Ceptico, [...] , e autor de outras apreciações francas, porque prefiro a sinceridade que V.Exa. costuma usar em assuntos desta natureza a um elogio que me não pertença. [...]

O Diário de Notícias de julho de 1897 publicando uns trechos do presente livro, classificou-me “grande triunfador estrangeiro e poeta de inspiração”. Mas isto era escrito por um sujeito que se relaciona comigo, e portanto suspeito. O Diário da Manhã limitou-se a chamar-me “muito

modesto e muito pobre”. Houve até quem me acoimasse de plagiador do Junqueiro. V. Exa. que há de ter lido aquele poeta queira ver se é verdade a afirmativa. Asseveram que ele se inspirou n’uns quadros estrangeiros e V.Exa. já disse, creio que nas Noites de Insonia, que as cenas escritas, na Morte de D. João, pertencem a uma sociedade mais dissoluta do que a portuguesa.

Eu desenho aí levemente o que vejo em derredor de mim. Sei que V.Exa. desadora as imagens descompassadamente nuas usadas pela escola denominada realista. Se pequei nesse ponto queira passar-lhe um traço; - que será o mesmo que fazer-lhe um auto de fé. Também hesito na escolha definitiva do título. Podridões Sociais? Podridões Modernas? Ou Podridões?

Para além da linguagem de autocrítica do escritor novato, testemunha-se também o confronto com as idéias realistas que, nesse momento, buscavam romper com o “mau romantismo” que ainda se manifestava na escrita literária portuguesa, principalmente na produção folhetinesca que atraía a atenção do leitor comum, em busca de divertimento e distração.

Aliás, em relação à perspectiva dos leitores da época, há uma outra carta interessante datada de 02 de novembro de 1866, assinada por Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca (Conde de Azevedo), fidalgo legitimista, erudito escritor e bibliógrafo maníaco (como se declara), em que se tem um exemplo de como os romances atuavam na construção do imaginário de cada leitor. Este Francisco Lopes pede ao escritor que o retrate em um seu romance e, treze dias mais tarde, escreve-lhe outra carta, traçando uma breve história de vida para explicar seu grande prazer em fazer notas arqueológicas ou paleográficas. Diz não ser culpa sua, mas de um avô paterno responsável por sua educação até os 16 anos, que, depois, o entregou a um tio padre que lhe inclinou a vontade para a leitura de clássicos caturras. Segundo suas palavras, essa paixão livrou-o de terríveis moléstias sifilíticas que nunca teve, pauladas e facadas de rivais, de carinhos de meninas e até da vilania de aparecerem grávidas as criadas da casa ou as filhas dos caseiros. Em troca, tornaram-no quase cego e sujeito a ataques hemorroidários e intestinais. Já velho e sem “histórias” a contar, deseja muito a honra de se transformar num personagem de Camilo. Esse desejo claramente manifesto evidencia como a escrita camiliana estava presente na vida de seus leitores, os quais experimentavam na produção folhetinesca um imaginário livre, bem diverso da vida acomodada e comum.

O que se destaca também na linguagem dessas cartas dirigidas a Camilo é, para o leitor de hoje, a vivacidade da escrita de seus signatários que usam da ironia e do humor esgrimindo certamente com os do escritor celebrado. Outro bom exemplo é uma carta de Teixeira de Queiroz, médico e também escritor, datada de 19 de maio de 1877 que vale transcrever quase na íntegra:

Meu caro amigo:

Estou doente de cama, com moléstia tão contraditória que ninguém sabe o que é. Eu para provar aos meus colegas que só a minha medicina vale alguma cousa, recusei-me terminantemente a tomar remédios. - Nem um simples purgante de citrato, tendo a língua como um pedaço d'unto! - disseram. - Já é descrença!! - remataram.

Porém os homens talvez que tenham razão, porque eu, há três dias que não sinto melhoras e a língua continua como unto.

V.Exa. está impenetrável. Nem manda dizer aos seus amigos se já floresceram os prados; nem nos certifica se tem visto da sua janela, da janela da sua livraria, que os bois tem ainda aquela paciência, conhecida dos paisagistas, quando comem a erva. [...]

Assim que terminar esta minha doença, e assim que concluir o tratamento d'um padecimento do nosso poeta Papança, que ele tem, quase curado na região anal (nós os médicos somos d'uma polidez suína, até dizemos isto diante de senhoras), irei ao Minho e não passo sem o visitar. Isso por aí será estúpido, como V.Exa. me diz às vezes, mas isto por cá é, além disso, doentio e mal cheiroso. Pois quando aí nos encontrarmos, admiraremos ambos as paisagens do Minho tão cobiçadas pela Rua dos Retroseiros para aformosear um enxargão.

Graça e ironia também estão na correspondência de Gonçalves Crespo, o poeta parnasiano luso-brasileiro, e numa carta sua endereçada a Camilo, a quem chama de “Meu querido Mestre e amigo”, escreve: “o que me parece em todo o caso é que anda, neste meu desejo de o ir visitar a Seide cousa má: parto a primeira vez e V.Exa. estava na Foz; vou a segunda vez e um homem maligno enganou-me. Passarei d'aqui por diante a andar de uma figa de azeviche, com que me presenteou o João Penha há dois dias e talvez consiga por essa forma quebrar o feitiço”. (Braga, 16 de outubro de 1878).

Também a correspondência de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco é notável. Encontra-se no RGPL um conjunto de cartas de

1862 a 1875 que atestam a grande ligação entre o dois escritores portugueses e a conversa interminável por escrito que nos dá hoje um quadro bastante vivo das relações literárias, das questões polêmicas, do desenvolvimento de projetos literários e dos acontecimentos diários observados por essas duas figuras literárias. Numa linguagem muito clara, freqüentemente irônica, Castilho demonstra suas inimizades, suas discordâncias e irritações com o mundo literário de seu tempo. Por exemplo, podemos acompanhar o que pensou sobre a famosa Questão Coimbrã e seu rancor contra Antero de Quental e Teófilo Braga, incitando Camilo contra eles: “Se o agradecimento lhe ata as mãos a respeito do Quental, creio que as tem livres para o pior dos dois co-réus, que é sem nenhuma dúvida o Teófilo.” (29 de novembro de 1865). Com nítida consciência do valor desse material epistolar - “V. Exa. sabe, e melhor do que eu, que este gênero de literaturinha mexeriqueira, meio termo entre obra e conversação, chama e corrente com todos, é geralmente havida por mais sincera que as obras meditadas, foi em todos os tempos saborosíssima leitura e muito instrutiva também.” (31 de janeiro de 1866) - Castilho construiu em cartas uma espécie de diário da vida literária portuguesa do século XIX, externando ao amigo Camilo seu ponto de vista crítico e muitas vezes severo em relação aos novos valores e novos escritores.

Mas a correspondência recebida por Camilo existente no Real Gabinete também testemunha o lado conturbado de sua vida, suas preocupações de marido e pai. De um lado, o médico e amigo Teixeira de Queirós, em carta de 26 de maio de 1877, explica ao escritor por que não acredita que D. Ana Plácido esteja tuberculosa, como Camilo parece recear. De outro, Francisco Gomes Amorim, em carta de 03 de julho de 1889, pede ao amigo Camilo que não se deixe levar pela idéia de suicídio:

A tua cartinha de 13 de junho causou-me doloroso assombro. O que me dizes de teu filho Jorge é horrível, mais horrível, porém, é o que me dizes de ti. É possível que uma alma da espessura da tua possa vir a cair na fraqueza do suicídio?! Não creio, um homem que afrontou a calúnia, a ironia, os ódios e as convenções mundanas, que conquistou pelo trabalho a imortalidade, e pelo valor o direito de que não o julguem covarde, pro-varia, suicidando-se, que representou conscientemente um papel ignóbil.

Palavras que somente adiaram o inevitável, como sabemos.

Vê-se, assim, com esses poucos exemplos, o interessante material que esteve durante décadas aleatoriamente guardado em caixas numa vitrine da Sala da Diretoria e que nos cabe agora, após rigorosa seleção, catalogação e pesquisa sobre existência de publicação anterior, divulgar aos interessados, abrindo perspectivas de estudo e possibilitando novas fontes de dados. O estudo da correspondência, por si só, seja entre escritores, seja das pessoas comuns, é de grande valia não só para as pesquisas de recepção literária, no século XIX, como também acervo rico para pesquisas sociolingüísticas (em relação às fórmulas de intimidade, os diferentes registros na escrita) e sócio-históricas (em relação às diferentes visões do cotidiano social e político). O trabalho sobre esse acervo é, assim, o reconhecimento de que esses materiais são fundamentais para a “Nova História”, no âmbito da cultura de língua portuguesa, e para a própria história desta Instituição de Memória que é o Real Gabinete Português de Leitura.